

ALBUM

DIRECTOR, ARTHUR AZEVEDO.

SECRETARIO DA REDACÇÃO, EMILIO DE MENEZES.

Publica-se em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeroa. Para os Estados 26\$000 e 13\$000. — Numero avulso 500 réis.

Direcção: RUA DOS OURIVES N. 7, Rio de Janeiro

SUMMARIO

LEONOR RIVERO.	Paulo Augusto.
CHRONICA FLUMINENSE.	A. A.
OS OLHOS DE AFFONSINA.	Cunha Mendes.
UM PRETEXTO	Henriqueta (2ª).
POEMA Á BEIRA-MAR	Damasceno Vieira.
IDYLLIO.	Alfredo Severo.
QUEM SABE?	Leonidas e Sá.
A VIRGEM DO SILENCIO	Raul Braga.
UM VASO	Avellar Filho.
O LENÇO DE GAZE	Ignex Sabino.
ARCADES AMBO.	F. V. Nogueira Junior.
A TI	A. Peres Junior.
THEATROS.	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico do vice-presidente da Republica
DR. MANOEL VICTORINO PEREIRA

LEONOR RIVERO

Quando ella não fosse uma das actrizes do seu genero mais festejadas pelo publico fluminense, bastava-lhe o ser uma mulher verdadeiramente bonita paraj ustificar o seu retrato na galeria eclectica do *Album*. Faltava á collecção das nossas phototypias um bello rosto feminino. Elle ahí está.

Andaluza—isso logo se vê!—filha de uma boa familia, que lhe deu educação conveniente, Leonor Rivero, por circumstancias intimas que descabidas seriam n'esta ligeira noticia, achou-se um dia n'esta cidade, e entrou para o legendario Alcazar, onde trabalhou durante algum tempo. Muita gente ha de lembrar-se d'ella n'um formoso *travesti* da *Giroflé-Giroflá* e em tantos outros papeis.

Depois de se exhibir em diversos theatros do Rio de Janeiro, partio para a capital do mundo, cujas seduccões a deslunbravam.

Por um conhecido jornalista foi lançada em Pariz, como Mimi Bamboche—o typo que mais

tarde ella deveria crear no Variedades—e abriram-se lhe as portas das *Folies Dramatiques* e dos *Bouffes-Parisiens*.

Saudosa da nossa terra, para cá voltou em 1884, e Sousa Bastos não se arrependeu de a contractar para fazer parte da primeira companhia que organisou aqui.

Depois d'isso, percorreu algumas das nossas provincias, voltou a Pariz — onde conserva casa e criados—, reapareceu de novo no Variedades sempre applaudida pelo publico, e actualmente é a estrellita de maior grandeza do theatro Lucinda.

No tracto intimo é encantadora, de uma urbanidade, de uma delicadeza que captivam quantos se approximam d'ella.

Reune em seu typo de mulher tres typos ideiaes : o da hespanhola, o da franceza e o da brasileira ; possui alguma coisa de qualquer dos tres, formando um todo harmonico e delicioso.

A Leonor Rivero, mais do que a outra qualquer, póde ser applicado o espirituoso madrigal de Dumas Filho : Tem duas vezes vinte annos.

PAULO AUGUSTO.

CHRONICA FLUMINENSE

O jury fluminense, fiel ás suas velhas tradições, absolveu o ex-presidente da Companhia Geral de Estradas de Ferro.

O advogado da defeza fartou-se de chamar nomes ao Sr. marechal Floriano Peixoto, e nem os juizes nem o promotor publico protestaram contra isso.

Na realidade, o ex-presidente da Republica fez mal em mandar prender o Dr. Mello Barreto. Devia saber que os rigores do jury n'esta terra só se fizeram para os gatunos de baixa especie, só se inventaram *ad usum* da arraia-miuda do crime.

Que o Dr. Mello Barreto fique bem limpo de todas as calumniosas accusações que pezaram sobre a

sua cabeça illustre, e quando houver nova eleição presidencial, será bom que o ponham á testa da administração suprema do paiz, para quebrar a castanha na bocca do marechal.

Até lá consolem-se os portadores das famosas *debentures*...

*

Acabo de ler na *Gazeta da Tarde* uma carta em que o famigerado Custodio de Mello, respondendo ás *Coisas Politicas* da *Gazeta de Noticias*, dirige ao Dr. Ferreira de Araujo alguns insultos que certamente o não attingem por virem muito de baixo.

Mas é bem feito! Logo depois da revolta, o distincto jornalista não hezitou em dizer coisas agradaveis ao tal Custodio, quando este se comprazia em bombardear os seus compatriotas. O pagamento ali está e com juro...

Ainda ha outro revoltoso que mais dia menos dia dará o pago ao escriptor das *Coisas politicas*; refiro-me ao Sr. Ruy Barbosa. Esse ao menos ha de escrever com estylo e com grammatica.

Foi pena que o Dr. Ferreira de Araujo—um dos nossos mais atilados homens de pena—só tarde se lembrasse de que «revoltosos tratam-se como revoltosos».

E já agora lhe digo que fez mal em responder ao heróe das torres encouraçadas do *Aquidaban*; mandasse-o bugiar.

*

Ha tanta materia de collaboração para encher o *Album*, que sou obrigado a reduzir a minha chronica a proporções microscopicas. Nada perdem com isso os leitores.

A. A.

OS OLHOS DE AFFONSINA

São dous lagos ideaes os olhos de Affonsina:
Anjos loiros, subtis, ruflam azas radiosas,
E no ethereo fulgor da lucida retina
Chalram trefegamente as canções suspirosas.

Dentro d'elles esvoaça a multidão divina
De almos sonhos pueris, setineos como as rosas:
Treme de inveja, treme, ó Venus diamantina!
Astros, fechae, cerraes as palpebras formosas!

Os olhos de Afonsina— a suave irman das flores—
São dous lagos ideaes em paragem magoada
Em que a luz suavemente e suavemente rola...

E nas aguas azues, ó canções dos amores!
Vae, n'um barco subtil, a minh'alma arrastada
— Gondoleiro feliz! cantando a barcarola...

CUNHA MENDES.

UM PRETEXTO

Em sumptuoso palacete da cidade de... morava uma familia, a mais apatacada do logar e de toda a redondeza.

Familia rica e por todos os titulos distinctissima, era muito estimada por quantos a conheciam.

Mas, apesar de rica, era a familia despretençiosa de umas tantas vaidades.

Pae, mãe, filhas (que eram bonitas) eram todos mercedores da estima geral que se lhes tributava. E até as criadas...

Alguns dos muitos rapazes que frequentavam a casa do titular (era titular o chefe da familia) olhavam-n'as com muito bons olhos...

Dizia-se á surdina que era o proprio titular quem fazia questão das criadas bonitas em sua casa.

Tinha elle lá para isso as suas razões quando dizia, vendo alguma criada feia:

—Tão desageitada!

Esta observação não era ouvida por sua respeitavel esposa, que, ou não ouvia mesmo, ou fazia não ouvir. Demais, o titular dava-se ao respeito e era respeitado, mas, a fallar verdade, a sua casa era ás vezes como o palco de um theatro onde ha mutações e um mesmo actor incumbe-se de papeis differentes uns dos outros...

Eis ahi talvez a razão porque difficil era dizer qual das seis criadas d'aquella familia a mais bonita.

Entre estas, porém, uma hespanhola havia, de seus vinte e tantos annos, um tanto brejeira e que realmente estava na ponta, como diz o vulgo.

Se bem que Dolores (tal era o seu nome) comprehendesse o devido respeito á casa de seus patrões e muito especialmente ao patrão nas precisas occasiões, muito mais do que d'este gostava do Dr. Leonardo, joven bacharel, que, além do mais, era bom e sympathico moço.

Imaginem uma mulher linda como os amores, muito graciosa, corpo muito bem feito, pernas e braços muito bem torneados, carnes appetitosas, olhos matadores (é a descripção feita por Leonardo), e eis ahi o retrato de Dolores.

Não sei como conseguiu o Dr. Leonardo algumas entrevistas...

*

Morava o bacharel com sua familia, cuja casa era paredes meias com a do titular de nossa historia, onde morava Dolores.

No fundo do quintal do palacete do titular havia um correr de quartos, destinados á criadagem. Um d'estes era d'ella.

*

De muito passeiador que era á noitinha, tornou-se o bacharel muito caseiro, o que não deixou de causar reparos á familia.

—Colicas dizia elle ; é o que me prende.

Ia se tornando chronico o seu incommodo, o que fez com que o aconselhassem a consultar algum medico.

—Qual ! isso nada vale, passa com o tempo, repetia elle.

—Isso dizes tu todas as noites, meu filho ; entretanto estás sempre incommodado, objectava a mãe cuidadosa.

Leonardo comprehendeu que realmente o pretexto de que usava já estava por demais sedição, mas os bachareis têm recursos para tudo.

*

Não podendo faltar a uma entrevista combinada com a Dolores, e não querendo mais servir-se do pretexto de que tantas vezes usára, lembrou-se do ditado *Amicus certus in re incerta cernitur* e foi ter com o Bonifacio, seu amigo intimo.

*

Depois de muito procurar, encontrou-o na rua.

—Oh! Bonifacio até que afinal te encontro ! Estou-te procurando ha mais de uma hora!

—Tu Leonardo! Bons olhos te vejam ! Por onde tens andado?

—Por aqui mesmo, mas as minhas occupaões, sabes, são tantas...

—Sim, sei; são muitas...

—Preciso de ti em casa por meia hora.

—Já?

—Sim, agora mesmo.

—Precisares de mim á noite? Alguma novidade?

—Nenhuma. E' um serviço que quero que me prestes.

—Se estiver ao meu alcance, estou á tua disposição.

—Está muito ao teu alcance, sim. Vamos, e pelo caminho te explicarei o que quero. E em caminho para casa Leonardo rogou ao Bonifacio que fosse pedir á mãe, por parte das irmans d'elle, Bonifacio, algumas camélias, mas recommendou que elle mesmo as colhesse. Se bem que com alguma reluctancia, por ignorar para que fim ia pedir as flores, o outro prestou-se ao obsequio que pediu o amigo e bem combinados chegaram á casa do bacharel.

*

Depois dos cumprimentos de estylo, o Bonifacio pediu á dona da casa as flores.

—Suas manas vão a algum baile?

—Não sei, não senhora. Creio que é para um presente.

—Vou mandar ver se ainda as ha, respondeu a dona da casa chamando pela criada.

O Bonifacio insistio ; que não era preciso incommodo, que elle mesmo iria colher as flores ; e só depois de uma lucta de cerimoniaes foi que a dona da casa suppoz que as camélias tinham sido um mero pretexto para o rapaz ir ao quintal. (Como sabem nas cidades onde não ha encanamentos, as *privadas* são em geral no quintal). A dona da casa deu uma luz ao Leonardo para que este mostrasse ao amigo... o pé de camélias e o acompanhasse. Chegados ao quintal enquanto o Bonifacio se occupava em colher algumas camélias, Leonardo desappareceu. Galgára o muro e, uma vez no quintal da casa do titular, compareceu á entrevista com a Dolores. A familia do bacharel ria-se muito, julgando o Bonifacio em logar muito diverso do pé de camélias...

Entraram na sala o bacharel e o Bonifacio que só então comprehendéra o papel que fóra representar,—trazendo algumas camélias e bem desapontado.

—Tão poucas e tão feias ! disse a dona da casa examinando as flores ; e afinal exclamou vendo a melhor dellas:

—Esta é bonita e está muito boa.

—Bonita, muito bonita, dizia com acanhamento o Bonifacio, olhando para as irmans do amigo, que sustinham o riso.

E, examinando a flor, concordava o bacharel, cujo pensamento longe estava d'alli:

—Linda! Lindissima! E boa, mas mesmo muito boa!

HENRIQUETA (2^a)

POEMA A' BEIRA-MAR

IMPRESSÕES DO OCEANO

I

Encravada na rocha verdejante,
Ensombrada de fetos e arvoredo,
A ouvir da vaga o forte borborinho,
A casa do vetusto commandante
Domina o mar e faz lembrar um ninho
De albatroz sobre a crista de um rochedo.

No mar nascêra aquelle velho austero;
Alli desenvolveu a intelligencia
Nos estudos da nautica sciencia;
Ao mar votava um grande amor sincero.

Acommettendo o Oceano furibundo,
Como se acaso egual gigante fóra,
Muitas vezes fizera a volta ao mundo
Commandando a galera *Luctadora*.

Mas o navio um dia naufragára
Sob o fragor de asperrimo cyclone...
Só quem tenha perdido afeição cara
—Mãe extremosa ou filho estremecido—
E a justo desespero se abandone,
Póde julgar a dor do velho, quando,
Pela força dos factos compellido,
Allucinado, tremulo, chorando,
Disse adens á galera, á companheira
De toda a sua vida aventureira!
Parecia que parte de sua alma
Ficava allí gemendo, sem conforto,
N'aquelle barco tristemente morto,
Cuspido pelas ondas da desgraça.

Nostalgico, doente,
Para um final de vida gozar calma,
Isolou-se do mundo inteiramente

Com a unica filha que tivera
—Formoso mimo de innocencia e graça—
—Orchidea que cheirosa ao tronco abraça—
Foi curtir as saudades da galera,
A todos occultando o seu segredo,
N'aquelle asylo á beira mar — a fronte
A devassar vastissimo horisonte,
Qual albatroz na crista de um rochedo

II

Ao som cadente do quebrar das vagas
— Som cheio de tristeza, de poesia,
De funda soledade,
Que reconcentra a nossa phantazia
Na ideia da infinita immensidade —
Elle gostava de narrar á filha
Visitas que fizera a longes plagas...
Ver hoje um continente, após uma ilha,
E mais outras, mais outros continentes,
Bellas cidades que o progresso expande,
Crenças, costumes, linguas diferentes...
Oh! quanto é vario, quanto o mundo é grande
Para quem lhe perscruta os accidentes!

Outras vezes quedava-se á janella,
A ver, como n'um sonho illuminado,
Das ondas o vaivem na verde tela
Do mar arfante.. Que prazer maguado!

III

No declinar de um dia,
Alheio ao mal de morte que o minava,
Ficou-se triste, a contemplar a brava
Lucta das ondas contra a penedia.

«Vinde ao leito, meu pae — pede a donzella,
A ingenua providencia
Que toda se desvela
Em prolongar-lhe os dias de existencia —
«O vendaval em que mudou-se a brisa
Conduz saraiva, fria como gelo!
O vosso corpo repousar precisa!
Descanço á alma é necessario tel-o!»
Elle, porém, não pode ouvil-a; attento,
Olhava uma fragata que, impellida
Por desabrido vento,
Vinha sobre os parceiros perder a vida.
Em face do naufragio palpitante,
Que transfiguração teve esse velho!
Esquece a dor que ao coração comprime;
Ergue-se firme, tragico, sublime.
— Figura legendaria do Evangelho—

E toma o porta-voz no grave instante!
Grita, ordena com voz dominadora,
Como se fosse o proprio commandante,
Ou fosse aquelle barco a *Luctadora*!

A maruja que attonita se esforça
Executa a manobra; o navio orça,
Deixa os parceiros e afasta-se á bolina.

IV

«Salvei-a! Sim! Salvei-a!»
Exclama o velho com febril transporte;
Mas uma dor aguda, repentina,
Do nobre coração rebenta a veia.
Tivera emfim a sorte
De morrer em seu posto! A fronte inclina
Sobre o collo da filha entristecida
E, contemplando o céu, exhala a vida.

N'um vôo leve e brando,
Sua alma remontando
Ao grande azul, á incognita paragem,
Fez a primeira e ultima viagem.

DAMASCENO VIEIRA.

IDYLLIO

Tacito e sereno, o plenilunio calmo derrama,
n'uma suavidade casta, argenteas cascatas lactes-
centes de luz, como um diluvio etheral de alvas
brumas rarefeitas, de uma transparencia langu-
rosa e doce...

Pela tranquilla lamina clara do azul, ligeiros
flocculos de nevoas rutilas deslizam serenamente,
emquanto fulgem em luminosas phosphorescencias
irriaes os vaporosos cyrios tremulos da via-lactea
silenciosa.

E o lago, de uma tranquilla placidez cerula, de
crystal, serenamente queda emmoldurado pelo verde
caniçal undante, onde o orvalho da noite scintilla,
desabotoando em lucidas estrellas pestanejantes.
A's vezes, enrugando a calma superficie d'agua, des-
liza um cysne, abrindo de mauso, n'uma ternura
cariciosa de amor, as alvas plumas de neve.

Pelo ar sereno empoeirado de uma fluidosa ne-
blina aerea, pairam, de envolta com a odorante
essencia da mandragora, plangencias, querellas de
rouxinões occultos nos refolhos das balsas enflo-
radas. E á flor d'agua, nenuphars azues, emquanto
as estrellas sorriem no alto, beijam-se entrelaça-
dos, abrindo as velludas petalas cheirosas...

A' beira do lago, cegonhas curvadas sobre as
pernas retesas soluçam a espaços, no silencio aromal
da noite, finos gritos estridulos. E as sombras ren-
dilhadas das arvores debruçam-se rumorejantes
sobre o crystallino espelho d'agua que scintilla.

Longe, esfumam-se montanhas azues cobertas
de uma poeira esbranquiçada e tenue, onde se re-
flectem as vaporisações tremulas do luar.



Phototypia J. Cutierrez.

LEONOR RIVERO

Subito, rompendo o silencio calmo, vibram remos sulcando as mansas aguas claras do lago. Resoam, algures, sonorosos accordes plangentes de mandora, serenamente, pelo ar; e na umbrosa curva do lago, apparece uma vencesiana gondola vagando lentamente ao brando compasso dos remos...

Um ligeiro nimbus passando, obscurece n'esse instante o disco argenteo da lua, e pelo ar calmo, de envolta com as lyricas sonoridades do languido instrumento, resoam ardentes beijos amorosos que trocam dous vultos abraçados á proa da veneziana gondola que resvala lenta... lenta...

ALEREDO SEVERO.

QUEM SABE?

Noite. Vélo. Minh'alma dolorosa
Pensa em ti, minha doce companheira;
Dormes talvez sonhando a vez primeira
Que te beijei os labios côr de rosa...

Talvez teu seio - borboleta anciosa -
Queira outro seio e outro beijo queira,
É n'esse sonho de illusão fagueira
Sintas roçar te a aza vaporosa.

Dos meus desejos como os teus, ventura!
Bella entre as bellas, entre as puras, pura,
Como um archanjo aos raios do luar...

Noite. Repousas. Vélo. Inconsciente
Sinto no peito a labareda ardente
Do casto amor que levas a sonhar!

LEONIDAS E SÁ.

A VIRGEM DO SILENCIO

A EUGENIO DE CARVALHO

Calo tudo: sentidos, ideias; só a imaginação,
deixo-a falar-me...

Venho para o Silencio, para o Socego; isolo-me,
cavo-me um deserto em torno, faço-me o mundo
uma silenciosa thebaida, faço-me um monge, um
eremita, um asceta.

E, n'esse isolamento, n'essa tortura da carne a
que me lanço, irrito-me a alma; elevo os olhos aos
Céos, dou-me pensamentos religiosos, christãos,
convenço-me da Fé, illudo-me sobre mim proprio,
sonhando-me um crente, um puro e um santo...

Um desejo mystico. Se eu me isolo e me invento
assim: crente e humilde, sem ambição, só para as
coisas de Além, só para as coisas do Céu, con-
stricto; se eu me torturo na carne, se eu busco o Si-
lencio, a vida apenas da natureza em torno, é que

procuro ver se, na abstracção, no extase em que
me immobiliso, olhos abertos para o Céu, ella me
nasce, alfim, essa Imagem, a sacrosanta Imagem
d'Essa que devo, d'Essa que quero adorar!...

Nasce-me, sim! Sob a abobada estrellada, do
Céu, entre as sombrias e altas arcadas das arvores,
eu sinto-me na sobrepelliz de um padre officiado a
missa nocturna do Sonho.

E, pela nave escura do campo, onde sombras
mysteriosas e impalpaveis de fieis se ajoelham,
sombras dos meus desejos e dos meus devaneios,
longos suspiros ouço cortarem a noite, longos sus-
piros de satisfeitas almas,—ao sentil-A nascer-
me, elevar-se, como uma hostia, muito alva, côr
de neve, de mim mesmo, da minha propria alma,
ás pulsações surdas do meu coração como uma
campanula soando-me ao peito, e ao murmurio so-
turno e crente das litanias da Fé que os meus la-
bios vão pronunciando, sem que eu perceba o que
dizem, todo ao Silencio em torno e á Beatitude im-
mensa que como um oleo santo me alaga....

RAUL BRAGA.

UM VASO

Dentro de um peixe, certa vez,
Um vaso de ouro
Acharam gregos, e se fez
De tal thesouro,
Depois, na Grecia, um deus, talvez.

O vaso tinha esta inscripção:
«Para o mais sabio.»
E' para Bias! disse então,
Quer outro gabe-o,
O povo com satistação.

Se factó equal aqui se der,
Gentil donzella,
E o vaso o distico tiver:
«Para a mais bella.»
Teu ha de ser, haja o que houver!

AVELLAR FILHO.

O LENÇO DE GAZE

Depois da brutal realidade que soffrêra sujei-
tando-se a ser enfermeira de um marido tropego e
invalido, fazendeiro de fortuna e fidalgo da ul-
tima hora, a baroneza Ilma, bella, rica e instruida,
arremessou para longe o seu véo de viuva.

A familia mostrou-se admirada quando a vio abrir
os seus salões á alta sociedade fluminense, tendo
antes disso reformado o predio com os requintes
artisticos do boni gosto.

De estatura regular, muito alva, pelle transparente por onde se via o tom das veias azuladas, dentes lacteos, bocca pequenina, labios humidos e olhos cor de turqueza, grandes, meigos, na sublime correção do seu todo de estatua grega, na pureza das linhas do perfil, na candidez do sorrir e na suavidade da phrase, ella fazia lembrar uma d'essas vizões dos ideias raphaelescos.

Entretanto, conversando, era vivissima, irrequieta, espirituosa, o que ia admiravelmente com as suas fórmas serpentinias, prezas a vestidos de luxo.

Quando a passeio, reclinada no seu coupé forrado de velludo grenat, na meia obscuridade dos stores chamava a attenção pelo despretençioso da pose.

Adulada, requestada, querida, tinha a seus pés uma enorme cõrte de adoradores que á porfia iam ao palacete da rua do Marquez de Abrantes beijar a mão á Madona d'aquelle templo de elegancia, onde ella com finura os attrahia e afastava, sabendo que tinha entre os pretendentes um medico sem clinica, um advogado sem causas, um fidalgo sem rendas, um capitalista sem nome, e um poeta, moço nephelibatha, empregado n'uma secretaria e frequentador do Café de Londres, sympathico, moreno, pouco sensual, porém amante do bello, que a elevava ao céu da poesia idealista. Como mulher perspicaz, comprehendeu a adoração de que era alvo, visto que o amor, a loura sphynge que governa a humanidade, ainda não a tinha feito comprehender essa doce impressão que se evola de um olhar suave ou de uma voz avelludada.

Como mulher moderna, perfeita senhora, queria os seus convidados tão á vontade em sua casa como na propria, admirando na saleta intima, sentados nos divans, nas cadeiras estufadas ou nos mochos de phantasia, os bronzes de Barbedienne, formosos e pagos a peso de ouro, extasiando-se diante da raridade dos bibelots, figurinhas de Saxe, de terra cotta, ou jarras da China, trabalhos de marfim e prata oxidada, ventarolas de seda branca bordadas a seda, com flores enormes, e dous quadros japonezes bordados tambem por igual fórma, mas com tal pericia que pareciam pintados.

Alli, a alma da casa fallava á alma, na expressão da realidade da vida e do talento.

Aos cantos, arrumados á ingleza, viam-se, aqui, uma mesinha de acajú com revistas e illustrações, duas cadeiras douradas e um candieiro de columna esmaltada com abat-jour de seda azul franjada de igual cor; acolá, o retrato d'ella, a oleo, sustentado n'um cavallette de pellucia, adornado de um estofo cor de ouro velho; além, uma conversadeira occulta por dous porta-flores, inspirando uma confidencia de coração junto ao perfume das rozas frescas, posta alli diariamente pelas proprias mãos da baroneza.

Um dia, declarou que ia partir, mas que daria um baile em despedida, e fel-o.

Noite pheérica !

Radiante de belleza, a lua destacava-se no zenith, que nem uma nuvem maculava.

No jardim, as capitosas magnolias pareciam floccos de neves suspensos nas folhas.

A residencia era pequena para conter os convidados.—As carruagens succediam-se,—os cavalleiros, em grande numero, na gravidade da casaca, cheios de commendas, de claque e luvas *gris perle*, de bigodes frizados e barba em ponta, ensaiavam phrases de amor e gentileza.

As senhoras, em grande toilette, abrilhantavam a festa com a frescura dos labios, da pelle assetinada, deslumbrantes no arredondado dos hombros, dos collos, dos braços, no artificio dos olhares, ora meigos como os das virgens de Murillo, ora cortantes como o aço, e finos como o crystal, no aroma dos cabellos de ebano ou ouro, entre nuvens de gaze, nas palpações das fitas e nas traines de velludo ou seda, tudo fallava á phantazia.

Que fremitos, que risos, que promessas, que esperanças no correr da valsa, no abandono dos gestos, ao som das musicas de Métra ou nos accordes chromaticos das musicas de Strauss a morrerem ao longe com o echo de um beijo de amor...

Ilina, vestida de branco, toda espumante de rendas e arminho, leque de plumas alvas e delicioso lenço de gaze prezo entre os dedos enluvados, valsava sem cançar. Luciano de Aguiar, o poeta, obteve uma valsa que foi dançada ao som da *My Queen*, que ferio os ares, enquanto ambos abraçados, offegantes, gyravam, gyravam, como derviches, ella, com os cilios meio cerrados, elle, quasi affeito ao sentir o perfume dos cabellos louro-roza que de vez em quando lhe passavam rapidos pelo rosto. Sem perceber a impressão que cauzava, elle apertou-lhe as mãos no mysterio que se desprende da mulher a quem se ama, devassando a medo as fórmas mal occultas no corpete extremamente decotado.

Ao ultimo echo da orchestra, sentou-a, e, apanhando o lenço de gaze que cahira, guardou-o como uma reliquia.

*

Ella partio.

Depois de dous annos de ausencia, a nostalgia fel-a voltar á patria.

Os antigos pretendentes haviam encontrado outros partidos; só Luciano estava solteiro, mas sempre poeta e pobre.

O coração palpitará-lhe ao saber da chegada d'ella, e, como rapaz educado, foi visitá-la, aproveitando o ensejo para fazer chegar-lhe ás mãos o lenço de gaze.

Sentada n'uma *chaise-longue*, vestida de seda vert d'eau, mais nutrida, menos ideal, a fidalga recebeu-o corando, agradeceu o lenço perdido e fallou das suas viagens.

Desde esse dia que os seus espiritos se uniram, sentindo necessidade de se comprehenderem melhor.

A alta sociedade estremeceu de surpresa. Seria possível que tão elegante senhora descesse a cazar com um poeta, um sujeito que cantava os olhos pardos de Maria, os negros da Olga, e os azues de Bertha?... Demais, deixar as prerogativas de baroneza para assignar-se simplesmente madame Aguiar?...

Ella encolheu os hombros.*

*

Na vespera do grande dia, ambos á tarde passejavam na chacara que confinava com a matta.

Garridamente vestida, com a arte que tinha de prender e agradar, de braço dado ao noivo, segredavam ambos mil nadas que, nos momentos em que o coração os inspira, dizem mais que volumes e volumes.

Pizando as folhas seccas, enlevada, feliz por ter escolhido um homem digno de si, o futuro não tinha manchas, o céu da vida ruborecia-se pelo prisma de uma esperança immurcheyvel.

Pensava acerca dos homens que, embora volúveis por constituição e necessidade physiologica, n'elles não ha meio termo:—ou são bons, sinceros e leaes, ou então refinados hypocritas.

Do que por ventura não sabe ser amante nunca se espere um bom esposo; por tanto, convicta de que Luciano sustentaria a clave do affecto, jogava de bom grado ao futuro uma carta com esse novo consorcio.

A solidão do logar suggestionava. A ramada do arvoredado mal deixava o sol descer obliquamente, beijando a areia. A matta ficava a dous passos. Silencio em torno. Além do canto das aves, só se ouvia o murmurio das folhas e o fru-fru da seda rastejando no tapete de folhas seccas que estalavam sob as solas dos sapatos finos de Ilina.

De repente, a sombrinha prendeu-se a um arbusto, e soltou-lhe em revolta os cabellos que lhe cahiram em nuvens sobre os hombros. Elle fictou-a apaixonado, e principiou a descrever o amor na influencia da natureza virgem. Ella ruboreceu; elle deu-lhe o primeiro beijo.

Então, o sol, todo paterno, subito, para livral-os de um peccadilho imminente, rasgou os interticios das folhas, e illuminou com força o quadro, conservando sobre a fronte da baroneza Ilma a sua corôa intacta de cabellos louro-roza.

IGNEZ SABINO.

ARCADES AMBO

A Julia n'aquelle dia estava muito alegre. Desde que eu a conhecia, desde aquelle dia em que a en-

contrei no terraço do Passeio Publico, lhe fallei e a segui até sua casa, uma confortavel residencia do Cattete, construida á moderna, com a fachada amarella cheia de graciosos enfeites de gesso pintado, desde esse dia, isto durante uns dous annos, era a primeira vez que eu a via assim tão risonha e garrula. Isso me agradou.

Mas não sei que occultas influencias lia que actuam no nosso espirito e nos levam ás vezes a envenenar um momento feliz da vida. Influencias puramente physicas ou materiaes, o certo é que ellas existem e chegam ás vezes a destruir uma felicidade começada.

E' a isso talvez que o vulgo chama — dar um pontapé na sorte.

N'aquelle dia, como ia dizendo, a Julia estava alegre, muito alegre. Fallava com a volubilidade de uma ave palradeira e ria e gesticulava como uma criança que tivesse um accrescimento de doce á sobremesa costumada.

Eu, embevecido, ouvia-a e intimamente me rejubilava, porque a formosa Julia mais formosa ficava com aquelle riso continuo a cabriolar nos seus labios rubros, cheios da seiva sanguinea dos seus vinte e dous annos.

Mas no fim de algumas horas, e aqui é que fui tocado pela tal força estranha que costuma a destruir mal alicerçados castellos, no fim de algumas horas de agradável e loquaz palestra, lembrei-me de rever a collecção das cartas amorosas que eu lhe escrevêra durante os dous annos, nos dias em que não a podia ver, ou porque em casa minha mulher necessitasse de mim para acompanhá-la ao theatro, ou porque algum dos meus filhos estivesse doente.

Aquella collecção de cartas era bem extensa, porque nos primeiros mezes de minhas relações com Julia, deixei-me arrebatado por uma paixão que felizmente depois esfriou. Ella guardava as cartas n'uma gavetinha do toucador, juntas com os frascos de esencias finas de Pinaud e Guerlain e o pó de arroz e o *cold-cream* de que absolutamente não precisava, mas que teimava em uzar, por um capricho vaidoso de mulher bonita que quer accrescentar os seus encantos naturaes.

A gavetinha estava aberta.

Comecei a leitura; tornei a ver aquelles rabiscos mal alinhados que eu traçára, no escriptorio, ás pressas, ao fechar os livros.

Uma carta me lembrava o dia em que eu tivera de sahir mais cedo do escriptorio porque de casa me viera recado de que minha sogra tinha cahido gravemente enferma; outra me recordava um sabbado em que fui convidado, á ultima hora, para a festa anniversaria de um amigo intimo, convite muito instante a que não podia deixar de acceder. Enfim, quasi todas ellas continham reminiscencias de pequenos ou grandes transornos em minhas relações amorosas com Julia e todas eram reniadas por grandes phrases cheias

de ternura e lyrismo. De repente os meus olhos pousaram sobre uma carta perfumosa, de factura recente, e cheia de uma lettra miuda firme e elegante. Encetei a leitura, muito intrigado, e fui lendo a pagina toda, mas de subito parei.

A carta era dirigida a Julia e fallava de amor. A pessoa que a escrevêra, via-se logo pelos primeiros periodos cheios de grandes imagens e adjectivos ternos, devia estar devêras apaixonada. Isso inspirou-me um ciúme atroz que me fez interromper a leitura e olhar indignado para Julia.

A rapariga, vendo-me entretido a ler as cartas, abrira um livro e lia-o.

O resto de um sorriso arqueava-lhe ainda a boquinha rosea. Foi o diabo aquelle sorriso. Interpretei-o mal.

O coração rugia-me no peito, enraivecido como um leão açulado. Peguei da carta com mão febril e sem mais querer pôr-lhe os olhos em cima, approximei-me de Julia e disse-lhe com voz terrível:

—Julia, tu trahes-me!

Ella olhou para mim com o mesmo resto de sorriso na bocca rosea. Esteve assim um instante, a olhar-me muda como uma estatua.

Depois, distendendo os labios n'uma gargalhada argentina que ainda hoje choa dolorosamente aos meus ouvidos, disse:

—Tolo!

E voltou o rosto com um ar de mofa ou desprezo.

Tivemos então nma questão irritante. Eu disse-lhe não sei que acerbadas palavras; ella maguou-se ficou triste, abatida e chorosa.

Mas de repente se poz de pé, olhou-me encolerisada, e, apontando-me a porta, disse-me com voz tremula:

—Vae! outro amor te espera!

Senti-me dorido com essas palavras. Eram injustas. Corei de raiva e de dor e, sem coragem para rebater a affronta, peguei do chapéo, do sobretudo e da bengala, e dirigi-me para a porta. Mas atraz de mim resoavam ainda aquellas palavras cruéis: Vae! outro amor te espera! Quedei-me, sem me atrever a voltar, sem ousar proseguir.

Applaquei um instante a minha ira e fiz um ligeiro exame de consciencia.

Que diria a carta? Fallava de amor, mas por isso podia eu affirmar ou mesmo suppor que era escripta por um homem?

Pois não podem tambem as mulheres escrever cartas de amor?

Aquella podia muito bem ser de uma amiga de Julia, uma rapariga leviana como ella, que lhe fallava de um amante, talvez um homem casado, como eu. Voltei para junto d'ella cabisbaixo, humilde. A rapariga olhava-me ainda, não já enraivecida, mas sorrindo com aquelle estranho sorriso que eu não comprehendia se era de escarneo ou de amor.

A carta que motivára o nosso arrufo estava nas suas mãos.

—Dá-me essa carta, Julia, disse eu. Quero eu mesmo verificar que fui injusto suspeitando de ti.

Julia relutou em satisfazer-me o desejo, mas, como previa que, persistindo na recusa, reavivava as minhas desconfianças, entregou-m'a e, levantando-se, dirigio-se cantarolando para a janella. Eu, apressado em desfazer o resto das minhas suspeitas, corri os olhos pela carta, preocupando-me mais em ler a assignatura do que o longo e doce phraseado. Céos! a carta era de minha mulher!

F. V. NOGUEIRA JUNIOR.

A TI!...

Não fosse o teu olhar que maguas despedaça,
Abençoada luz, etherea que a mim desce,
E não fosse o sorrir que nos teus labios passa
Assim come um clarão celeste que esplandece...

Não fosses tu, emfim, minh'alma que seria?
Abriste á minha vista as portas do futuro,
Encheste o peito meu de gloria e de alegria
E fóra eis-me afinal do meu caminho obscuro!...

Não mais a solidão fastidiosa e o tedio!...
Se a vida era p'ra mim peor do que um deserto,
A tua apparição foi salutar remedio;
E eu sinto até que os céos palpitam-me mais perto!

Mas—que eu não sinta nunca enfebrecida e louca,
A saudade em meu peito encarcerada e afficta,
Pois tenho um evangelho escripto em tua bocca
E tenho uma epopeia em teu olhar escripta!...

A. PERES JUNIOR.

THEATROS

(NOTAS A LAPIS)

RECREIO.—Reappareceu o *Conde de Monte Christo*. Enchentes sobre enchentes.

*

APOLLO.—Espectaculos pela companhia de zarzuela. O publico tem saudades da Rosa Villot e do Mattos.

*

LUCINDA E SANT'ANNA.—Continuam as representações do *Cavalheiro da Rocha Vermelha* e da *Cornucopia do Amor*.

*

VARIEDADES.—Poz em scena o *Orpheu*, de Offenbach. Boa traducção de Eduardo Garrido. O desempenho dos papeis deixa muito a desejar.

*

S. PEDRO.—Ha agora ahi um prestidigitador e ventriloquo.

X. Y. Z.





